

Explorações sensíveis, Ambiências em um Mundo em Transformação

Esta edição temática, belamente ancorada no CADERNOS PROARQ, surge como materialização de pelo menos quarenta anos de pesquisas dedicadas a conceituar, estruturar e unificar a compreensão da noção de Ambiências, que é tão cara aos três editores especiais que coordenaram a edição.

Como massivamente trabalhado, o conceito envolve não apenas o espaço em si, mas suas múltiplas dimensões sensoriais, morais, estéticas e político-culturais. Além de serem um dado para a compreensão arquitetônica ou urbana, as Ambiências são algo experienciado corporalmente, emocionalmente e socialmente. Elas representam a atmosfera sensível de um espaço vivo — não só como configuração física, mas como o conjunto de expressões e impressões sensoriais, afetivas e materiais que se tecem na relação entre o lugar e quem o vivencia, em um processo em que quem o experiencia também transforma o espaço. As Ambiências religam, antecedem e se realizam na experiência situada do cotidiano, de forma incorporada e compartilhada — ou seja, a percepção é partilhada em contexto coletivo, imersivo e essencialmente ordinário, como modo fundamental de “estar no mundo”.

A ideia de um ambiente que envolve a sensibilidade dos corpos e influencia seus comportamentos remonta ao início do Período Clássico. O termo *Ambiência*, derivado do latim *ambire* (“envolver”), sugere essa noção. Jean-Paul Thibaud, em “Petite archéologie de la notion d’ambiance”, observa ainda que o prefixo *amb* remete à posição “entre dois lados”, evocando o gesto de um abraço protetor. Essa imagem reforça a concepção de um meio empático, característica da visão de mundo ocidental.

Ao longo do século XX, o conceito de Ambiência foi ganhando novas inflexões. No início desse período, pensadores influenciados pela fenomenologia retomaram a noção para refletir sobre a existência no mundo e as formas de percepção do corpo no espaço. Contudo, foram os filósofos Jean-François Augoyard e Gernot Böhme que lhe deram um impulso decisivo, ao formularem uma estética das Ambiências e das Atmosferas a partir da observação das situações ordinárias da vida urbana. A tese de doutorado de Augoyard tornou-se referência fundamental para o estudo dos espaços sensíveis, da arquitetura e do meio urbano em grande parte da Europa ocidental e, mais tarde, internacionalmente. Seu trabalho abriu caminho para uma geração de pesquisadores, entre eles Jean-Paul Thibaud e os editores que assinam esta edição temática — o que consolidou e aprofundou o campo.

A partir do laboratório CRESSON (Centro de Pesquisa sobre o Espaço Sonoro e o Ambiente Urbano), na ENSA-Grenoble, formou-se o núcleo inicial da atual rede internacional Ambiances.net, dedicada ao estudo das ambiências sensíveis e de seus desdobramentos nos estudos urbanos, no planejamento, na arquitetura e no paisagismo.

No artigo clássico “For an aesthetics of Ambiance”, Augoyard defende a Ambiência como uma forma de revelar o invisível do cotidiano, aquilo que permanece nas entrelinhas da vida urbana, na percepção sensível do espaço e nos ritmos ordinários da vida. Neste enfoque, a Ambiência não é estática nem totalizável: não é “essência” geral, mas se manifesta de múltiplas formas. Portanto, por princípio, a Ambiência singular não existe — o que há são Ambiências determinadas por contextos específicos, situações concretas, corpos e sentidos experienciados de diversas formas possíveis. Com isso, Augoyard contribuiu para deslocar o foco da arquitetura e do urbanismo tradicionais — muitas vezes centrados em formas, funções e medidas — para a experiência sensível, estética e fenomenológica dos espaços, que permeia toda a validação humana sobre o que afeta no espaço vivido.

Seguindo o mesmo princípio, Jean-Paul Thibaud, que assina o artigo âncora desta edição, tem trabalhado para expandir o conceito de Ambiência prioritariamente para o urbano: ele investiga como as ambiências urbanas constituem um terreno comum da experiência cotidiana nas cidades — ou seja, como os espaços públicos e urbanos geram sentidos, sociabilidades e modos de presença através da sensibilidade.

Em seu artigo “Urban Ambiances as common ground?”, Thibaud aponta que a Ambiência articula três dimensões principais: a *Existencial* — refletindo sobre a empatia com o mundo ambiente e a sensação de estar imerso num espaço como preponderante à percepção; a *Contextual* — inferindo o grau de presença no momento e no lugar, assim com a consciência de estar “ali, agora”; e a *Interacional* — permitindo elucidar as formas de convivência, de uso coletivo e de compartilhamento sensível de espaços, que moldam as relações sociais.

Tais certezas sobre a pertinência do estudo e dos debates sobre Ambiências, por tantas décadas, desafiam a visão tradicional do espaço construído como mero objeto utilitário ou funcional, propondo que os espaços carregam sensações, afetos, memórias, sociabilidades e atributos essenciais para a qualidade da vida, para a experiência urbana, para o bem-estar subjetivo, para a compreensão de ontologias, formas e potências afetivas, para a estudo das dimensões culturais, sociais e políticas da experiência corporal situada, para o impacto direto nas formas de socialidade humana e para o aprofundamento e revisão de intervenções urbano-arquitetônicas, não apenas como construções, mas, como configurações sensíveis pensadas para serem sentidas e apropriadas.

Foram exatamente esses pontos cruciais que moldaram a chamada para esta edição temática, tendo como cenário as reverberações propiciadas pelo 5º Congresso Internacional sobre Ambiências (<https://ambiances2024.ambiances.net/>), realizado de forma inédita em duas cidades — Rio de Janeiro e Lisboa, dois países — Brasil e Portugal, por duas instituições — Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Lusófona em Lisboa, e por dois grupos de pesquisa — LASC/PROARQ e ECATI, com o inestimável apoio da Rede Ambiances (ambiances.net), do CNPq, da FAPERJ e do CRAB-SEBRAE.

Dessa parceria frutífera, diversos artigos de excelência emergiram do evento como faróis para sinalizar e refletir sobre esse campo fértil das Ambiências no mundo urbano e aparecem na edição 45 do Periódico CADERNOS PROARQ, após serem cegamente avaliados e aprovados, juntamente com outros artigos submetidos em contexto de ampla divulgação, compondo o escopo narrativo que agora se apresenta.

Porque se alinha à análise cultural, estética, sociológica, psicológica, antropológica e também à arquitetura, urbanismo, paisagismo e ciências afins, o rico material composto sobre Ambiências, nesta edição, contribuirá para uma visão mais holística, transdisciplinar e sensorial do mundo urbano que nos cerca, transforma e nos convida a constantemente revisar nossa forma de estar e habitar os espaços.

Cristiane Rose Duarte, UFRJ

Ethel Pinheiro, UFRJ

Mohammed Boubezari, Universidade Lusófona em Lisboa

Editores convidados

Sensitive Explorations, Ambiances in a Changing World

This thematic edition, beautifully anchored in the *CADERNOS PROARQ* Journal, emerges as the materialization of at least forty years of research dedicated to conceptualizing, structuring, and unifying the understanding of the notion of Ambiances, which is so dear to the three editors who coordinated the edition.

As extensively discussed, the concept encompasses not only space itself, but also its multiple sensory, moral, aesthetic, and political-cultural dimensions. Beyond being data for architectural or urban analysis, Ambiances are something experienced bodily, emotionally, and socially. They represent the sensitive atmosphere of a living space—not only as a physical configuration, but as the set of sensory, affective, and material expressions and impressions woven through the relationship between place and those who inhabit it, in a process in which the experiencer also transforms the space. Ambiances reconnect, precede, and are realized in the situated experience of everyday life, in an embodied and shared manner—that is, perception is collectively shared, in an immersive and essentially ordinary context, as a fundamental mode of “being-in-the-world.”

The idea of an environment that engages bodily sensibility and influences behaviors dates back to the beginning of the Classical Period. The term **Ambiance**, derived from the Latin *ambire* (“to surround”), suggests this notion. Jean-Paul Thibaud, in *Petite archéologie de la notion d’ambiance*, also notes that the prefix **amb** refers to a position “between two sides,” evoking the gesture of a protective embrace. This image reinforces the conception of an empathic milieu, characteristic of the Western worldview.

Throughout the 20th century, the concept of Ambiance gained new inflections. In the early part of the century, thinkers influenced by phenomenology revisited the notion to reflect on existence in the world and on bodily modes of perceiving space. However, it was philosophers Jean-François Augoyard and Gernot Böhme who gave it decisive momentum by formulating an aesthetics of Ambiances and Atmospheres based on the observation of ordinary situations of urban life. Augoyard’s doctoral thesis became a foundational reference for the study of sensitive spaces, architecture, and the urban environment throughout much of Western Europe and later internationally. His work paved the way for a generation of researchers, including Jean-Paul Thibaud and the editors of this thematic issue—consolidating and expanding the field.

From the CRESSON laboratory (Center for Research on Sonic Space and the Urban Environment) at ENSA-Grenoble, the initial nucleus of the current international network *Ambiances.net* was formed, dedicated to the study of sensitive ambiances and their implications for urban studies, planning, architecture, and landscape design.

In the classic article “For an Aesthetics of Ambiance,” Augoyard argues that Ambiance constitutes a way of revealing the invisible dimensions of everyday life—what remains between the lines of urban existence, in the sensitive perception of space and

in the ordinary rhythms of life. In this perspective, *Ambiance* is neither static nor totalizable: it is not a general “essence” but manifests in multiple forms. Thus, by definition, a single, universal *Ambiance* does not exist—what exists are *Ambiances* shaped by specific contexts, concrete situations, bodies, and senses experienced in diverse possible ways. With this, Augoyard helped shift the focus of traditional architecture and urbanism—often centered on forms, functions, and measurable elements—toward the sensitive, aesthetic, and phenomenological experience of spaces, which permeates all human validation of what affects life in lived space.

Following the same principle, Jean-Paul Thibaud, who authors the anchor article of this edition, has worked to further expand the concept of *Ambiance* primarily in relation to the urban realm: he investigates how urban ambiances constitute a common ground for everyday experience in cities—that is, how public and urban spaces generate meanings, sociabilities, and modes of presence through sensibility.

In his article “Urban Ambiances as Common Ground?” Thibaud proposes that *Ambiance* articulates three main dimensions: the **Existential** — reflecting on empathy with the surrounding world and the feeling of being immersed in a space as foundational to perception; the **Contextual** — inferring the degree of presence in a given moment and place, along with the awareness of being “here, now”; and the **Interactional** — allowing the elucidation of modes of coexistence, collective use, and the sensitive sharing of spaces, which shape social relations.

These long-standing certainties regarding the relevance of studying and debating *Ambiances* challenge the traditional view of built space as a merely utilitarian or functional object, proposing instead that spaces carry sensations, affects, memories, sociabilities, and essential attributes for quality of life, for urban experience, for subjective well-being, for the understanding of ontologies, forms, and affective potentials; for the study of cultural, social, and political dimensions of situated bodily experience; for the direct impact on modes of human sociality; and for the deepening and revision of urban–architectural interventions—not merely as constructions, but as sensitive configurations designed to be felt and appropriated.

It was precisely these crucial points that shaped the call for this thematic edition, set against the backdrop of the reverberations sparked by the 5th International Congress on Ambiances (<https://ambiances2024.ambiances.net/>), held for the first time in two cities—Rio de Janeiro and Lisbon; in two countries—Brazil and Portugal; by two institutions—the Federal University of Rio de Janeiro and Universidade Lusófona in Lisbon; and by two research groups—LA SC/PROARQ and ECATI, with the invaluable support of the Ambiances Network (ambiances.net), CNPq, FAPERJ, and CRAB-SEBRAE.

From this fruitful partnership, several high-quality articles emerged from the event as beacons to illuminate and reflect on this fertile field of *Ambiances* in the urban world. These appear in issue 45 of the journal *CADERNOS PROARQ*, having been double-blind reviewed and approved, alongside other articles submitted through the broad public call, composing the narrative scope now presented.

Because it aligns with cultural, aesthetic, sociological, psychological, and anthropological analysis—as well as with architecture, urbanism, landscape design, and related fields—the rich body of work on *Ambiances* included in this edition will contribute to a more holistic, transdisciplinary, and sensorial view of the urban world that surrounds, transforms, and continually invites us to reconsider our ways of being and inhabiting spaces.

Cristiane Rose Duarte, UFRJ

Ethel Pinheiro, UFRJ

Mohammed Boubezari, Lusófona University in Lisbon

Guest editors

Explorações sensíveis, Ambiências compartilhadas

O número 45 do CADERNOS PROARQ aporta mais uma edição temática de alta demanda, reforçando a pertinência das abordagens teórico-conceituais para o fortalecimento da área de arquitetura e urbanismo. Esta edição chega ao público como um conjunto consolidado de debates e construções metodológicas que reverberam o 5º Congresso Internacional sobre Ambiências, realizado em outubro de 2024, no Rio de Janeiro e em Lisboa, sob organização da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Lusófona de Lisboa e da Rede Internacional de Ambiências.

Além dos artigos indicados pelo Comitê Científico do evento, devidamente ajustados para a política editorial da revista e avaliados de forma cega, o CADERNOS PROARQ recebeu também submissões livres e relacionadas aos eixos debatidos no evento: o estudo da natureza prática, experimental e relacional da coexistência humana-urbana nas cidades por meio das Ambiências.

No conjunto de artigos aprovados, emergem: a apresentação das ambiências e atmosferas arquitetônicas, urbanas e paisagísticas; a compreensão de ontologias, formas e potências afetivas das Ambiências; o enfoque das dimensões culturais, sociais e políticas da experiência corporal situada; o impacto das ambiências nas formas de socialidade humana e nas novas oportunidades de convivência e de experimentação da cidade por meio de caminhadas estético-políticas e das revisões do caráter humanista dos espaços construídos; e o ensaio de formas de repensar a maneira como vivemos no mundo. Afinal, as Ambiências, para além de um conceito, são também meios que possibilitam formas associativas de compartilhar espaços, visto que intensificam as relações sociais e permeiam as formas de experiência.

Inaugurando a edição temática e na posição de artigo-âncora temos “Towards Atmospheric Sensibility” de **Jean-Paul Thibaud**. O autor do artigo, como pesquisador seminal desse campo temático, merece todas as nossas honras pela importância que tem na formação de centenas de pesquisadores. O texto nos convida a refletir sobre a sensibilidade atmosférica e a sua relação com o mundo. O trabalho traz ainda contribuições inextricáveis para pensar o papel das Ambiências ao reforçar a ideia do ambiente como meio que permite a construção da sensibilidade humana em diferentes contextos de compartilhamento e de vivências.

Na sequência, **Daniella Martins Costa**, acompanhada de textos de Franz Hessel, destaca a importância das caminhadas, do corpo e dos sentidos para se relacionar com o meio urbano. Para isso, em uma revisita a Berlim, a autora dá “um pouco do seu amor à paisagem da cidade”, como diz Hessel, e evidencia

a capacidade das cidades de fazer trabalhar as memórias e diferentes tempos desvelados a partir da deriva. No caso berlinense, a autora alerta para o possível analfabetismo urbano que decorre da velocidade de transformação das cidades e de suas interpretações genéricas. Diante dessa constatação, convida arquitetos e urbanistas a imaginar cidades que dialoguem com narrativas compartilhadas, experiências pessoais, raízes, identidades e vocações.

Ricardo Silva apresenta o programa “Caminhadas Arqueológicas” que utiliza o caminhar como conceito-prática para a investigação do cotidiano por meio da presença corporal e da percepção sensível. Contemplando memórias urbanas, construções narrativas e leituras etnográficas, o autor disserta a respeito de percursos realizados em diversas cidades. Cada percurso gera uma coleção de vestígios, culminando em fotolivros que consolidam os registros e as fabulações desenvolvidas.

Na esfera dos eventos coletivos, **Júlia Beatriz Briet e Patricia Drach** investigam as transformações das ambiências urbanas do Centro Histórico de Ouro Preto, durante o período da Semana Santa. A pesquisa é conduzida por uma deriva situacional que permite apreender diversas camadas subjetivas produzidas pelos atos dos rituais investigados e que destacam o caráter fenomenológico e sensível das Ambiências. Assim, as autoras evidenciam as ressignificações da paisagem urbana ouro-pretana, apresentando a cidade como palco e como protagonista das práticas simbólicas e festivas.

Cybelle Miranda analisa as Ambiências Afetivas presentes nos hospitais das Santas Casas de Misericórdia do Pará, do Maranhão e de Manaus, observadas por meio de incursões de viés etnográfico, em contextos de fragilidade. A autora descreve como as texturas, os materiais e as marcas de temporalidade despontam como elementos humanizadores nas experiências dos sujeitos com a arquitetura. Miranda aponta, portanto, a importância da integração dos estudos fenomenológicos e sensíveis ao planejamento de espaços de saúde.

Numa abordagem de contexto cultural, **Lígia Magalhães** investiga a importância que o esporte tem em potencializar identidades e afetos na paisagem de Bangu, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Para isso, a autora resgata a história de criação do time de futebol do bairro, por meio de entrevistas e derivas etnográficas, evidenciando as Ambiências geradas pelo futebol e suas consequentes expressões de pertencimento, memória e resistência. Conclui que, mais do que um campo esportivo, o futebol em Bangu implica um modo sensorial que reforça uma Ambiência construída e marcada por identidades culturais que se mantêm vivas por gerações.

Marc Boumeester disserta sobre a imagem digital contemporânea como transformadora da vida social, propondo três modalidades ontológicas: a “imagem por procuração”, a “imagem por contexto” e a “imagem recursiva”. Para além das análises de imagens restritas aos seus suportes, o autor apresenta o papel que elas estabelecem como formadoras de estruturas e modulações mentais e que podem criar gestos de adesão. Ademais, investiga a maneira como elas interferem em padrões de repetição, produção de desejos e ciclos algorítmicos, assim como os efeitos dessas dinâmicas na urbanidade a partir do compartilhamento coletivo das imagens.

Trazendo uma abordagem que amplia a noção de sonoridade urbana, **Frank Pecquet** propõe a compreensão da paisagem pela ecologia sonora com ênfase na escuta atenta. Seu trabalho propõe a adoção de um método integrado que combina medições acústicas, indicadores psicoacústicos e avaliação de biomarcadores para a qualificação das Ambiências. Como considerações, o autor elucida proposições baseadas no desenho sonoro equitativo a serem consideradas como base para que políticas urbanas possam promover mais engajamento.

Yi Guo 郭懿 apresenta uma investigação sobre a orla do Rio Huangpu, em Xangai, através do que chama “ambiências aspiracionais”. A partir da observação de campo e do mapeamento espacial, tendo como pano de fundo a especulação imobiliária associada à fabricação de subjetividades, a autora evidencia os interesses de um urbanismo neoliberal-autoritário e a urgência na elaboração de ações críticas capazes de expor a invisibilização e os silenciamentos produzidos pelas políticas aplicadas.

Analisando Ambiências instaladas em territórios pouco habitados, **Camilla Sette** propõe uma metodologia baseada na relação entre Atmosferas e temporalidades. Para isso, a autora investiga aldeias do Parque Nacional do Gran Sasso, na Itália, combinando pesquisa quantitativa e qualitativa com a mensuração das relações que não se fixam em um tempo definido, mas criam atmosferas em um “tempo suspenso”. Assim, ao tornar essas relações perceptíveis e analisáveis, o estudo se torna uma ferramenta possível para a restauração de uma dimensão temporal dos espaços, superando suas formas materiais e pondo em perspectiva a vitalidade dos lugares, a complexidade de seus relacionamentos e, sobretudo, a regeneração dos afetos.

No trabalho de **Lia Maestrelli**, os textos de Jean-Paul Thibaud, autor do texto âncora desta edição, são utilizados como base para a abordagem dos trabalhos da artista cubana Ana Mendieta. A autora discorre sobre arte, arquitetura e urbanismo, aprofundando o tema ecologia e crise climática, pelo viés das Ambiências. O resultado é um ensaio teórico provocativo que relaciona estética ambiental, sensibilidade, experiência e existência humana.

No artigo intitulado “Percepção, lugar e reexistência”, a artista visual **Lais França** e a arquiteta e urbanista **Rachel Fernandes** exploram a relação entre as experiências do corpo, do espaço e da temporalidade e o conceito de Ambiências urbanas. Dando continuidade a uma pesquisa realizada, em 2023, em Portugal, o texto coloca em foco o bairro de Campanhã, na cidade do Porto, e desenvolve uma revisão qualitativa dedicada às ativações artísticas, aos percursos urbanos e aos espaços públicos que motivam e fomentam Ambiências vivas e mutáveis.

A relação entre corpos e ambientes também é abordada na pesquisa de **Adriana Borba e Nathalia Gnutzmann**, com destaque para a convergência entre arquitetura e cuidado com sistemas vivos. As autoras propõem uma reflexão sobre a percepção coletiva e a experiência de imersão em espaços sensíveis, históricos e ecológicos, utilizando o método interpretativo-hermenêutico que adiciona ao trabalho a segurança técnica de um método consolidado para uma análise subjetiva e científica das Ambiências.

Evangelia Paxinou, Nicolas Remy e Petros Flampouris estudam as Ambiências como processo para elaboração de projetos que contemplem aspectos fenomenológicos de escuta, de ressonância e de produção sonora. A pesquisa é

desenvolvida a partir de experimentações com explorações espaciais baseadas nos sons e nas corporeidades locais. Pautado no processo de cocriação da paisagem, o trabalho é marcado por uma associação entre improvisações, gravações e passeios sonoros que enfatizam o papel das Ambiências como mediadoras, para além de uma definição estática.

Com enfoque no valor da paisagem, **Angélica Azevedo e Silva, Liza de Andrade, Caio Monteiro Damasceno e Solange Clemente** evidenciam como os princípios que partem do bem viver das comunidades quilombolas do Kalunga, em Goiás, podem ser incorporados à prática da arquitetura e do planejamento territorial. Para isso, em um primeiro momento, os autores realizam um amplo levantamento teórico sobre temas relacionados à sustentabilidade e às territorialidades voltadas às ambiências kalungas. Em seguida, a partir de uma metodologia de pesquisa-ação, os autores relatam as realizações do Laboratório Periférico junto às comunidades do Kalunga, a fim de destacar a importância da preservação dos saberes quilombolas, as especificidades da organização espacial desses povos, a participação comunitária nos projetos e, sobretudo, a manifestação da arquitetura como ferramenta de resistência e de revisão das Ambiências.

Fechando a edição, o texto da historiadora **Elena Giulia Abbiatici** desenvolve uma leitura interdisciplinar envolvendo a análise química, biológica e sociológica de relações humanas e não humanas com o ambiente terrestre. No atual contexto de crise climática, a autora aborda o “terrorismo atmosférico”, a contaminação do ar ocasionada por lançamento diário de bactérias e produtos químicos. Apesar do cunho analítico focado nas mudanças atmosféricas, esse é um trabalho que introduz novas formas de interpretar o sistema olfativo face às mudanças climáticas. Assim, o texto alerta para a maneira como essas mudanças atuam na percepção humana e influenciam os modos de viver e de experienciar o mundo.

Com a reunião desse conjunto heterogêneo de trabalhos, que se conectam por compartilhar uma atenção especial ao conceito de Ambiências, esperamos trazer aos leitores fontes de consulta e de reflexão para as mais diversas pesquisas, em especial, para aquelas que buscam outros futuros possíveis para a Arquitetura e o Urbanismo.

Ethel Pinheiro Santana e Aline Calazans Marques

Chefes de editoria

Barbara Thomaz e Priscilla Alves Peixoto

Coordenação Executiva

Diego Dias, Augusto Ruschel, Pedro Saldanha, João Pedro de Melo Souza e Davi Batista Chagas

Equipe executiva

Sensitive explorations, shared Ambiances

Issue 45 of CADERNOS PROARQ Journal brings another highly sought-after thematic edition, reinforcing the relevance of theoretical and conceptual approaches for strengthening the field of architecture and urbanism. This edition reaches the public as a consolidated set of debates and methodological constructions reflected in the 5th International Congress on Ambiances, held in October 2024 in Rio de Janeiro and Lisbon, organized by the Federal University of Rio de Janeiro, the Lusófona University of Lisbon, and the Ambiances International Network.

During this editorial process, CADERNOS PROARQ Journal received open submissions related to the themes discussed at the event: the study of the practical, experimental, and relational nature of human-urban coexistence in cities. In addition to these papers, some articles recommended by the Scientific Committee of the event are also part of this edition, duly adjusted to the journal's editorial policy.

In this set of approved articles, architectural, urban, and landscape Ambiances and Atmospheres emerge, as well as the understanding of ontologies, forms, and affective powers of Ambiances; the focus on the cultural, social, and political dimensions of situated bodily experience; and also the impact of ambiances on forms of human sociality and on new opportunities for coexistence and experimentation in the city, such as in aesthetic-political walks, as well as revisions of the humanist character of built spaces. At the same time, CADERNOS PROARQ also received articles that explored ways of rethinking how we sensitively dwell in the world, because Ambiances – beyond the concept – are agents that enable associative ways of sharing spaces: they intensify social relations and permeate forms of experience.

Opening this thematic edition and serving as the anchor-article, we have “Towards Atmospheric Sensibility” by **Jean-Paul Thibaud**. The author, as a seminal researcher in this thematic field, deserves all our honors for his importance in the training of hundreds of researchers. The text invites us to reflect on atmospheric sensitivity and its relationship with the world. The work also makes inextricable contributions to thinking about the role of Ambiances by reinforcing the idea of the environment as a means that allows the construction of human sensitivity in different contexts of sharing and experiences.

Subsequently, **Daniella Martins Costa**, accompanied by texts by Franz Hessel, highlights the importance of walks, the body, and the senses in relating to the urban environment. To this end, in a revisit to Berlin, the author gives "a little shot of love to the city's landscape", as Hessel says, and emphasizes the capacity of cities to work with memories and different times revealed through drifting. In the case of

Berlin, the author warns of the potential urban illiteracy resulting from the speed of urban transformation and its generic interpretations. It is therefore necessary to urge architects and urban planners to imagine cities that engage with their shared narratives, personal experiences, roots, identities, and vocations.

Ricardo Silva presents the program “Archaeological Walks,” which uses walking as a practical concept for investigating daily life through embodied presence and sensory perception. Through an immersion that encompasses urban memories, narrative constructions, and ethnographic readings, the author discusses routes taken in various cities. Each route generates a collection of traces, culminating in photobooks that consolidate the records and fabrications developed.

In the realm of collective events, **Júlia Beatriz Briet and Patricia Drach** investigate the transformations of urban Ambiances of the Historic Center of Ouro Preto during the Holy Week. The research is conducted through situational drifts, in an apprehension of the various subjective layers produced by the acts of the rituals investigated, highlighting the phenomenological and sensitive character of the Ambiances. Thus, the authors highlight the resignifications of the Ouro Preto urban landscape, presenting the city as both a stage and a protagonist of symbolic and festive practices.

Cybelle Miranda analyzes the affective Ambiances present in the hospitals of the Santa Casas de Misericórdia in Pará, Maranhão, and Manaus, observed through ethnographic-oriented incursions in contexts of vulnerability. The author describes how textures, materials, and marks of temporality emerge as humanizing elements in the subjects' experiences with architecture. Miranda therefore, points to the importance of integrating phenomenological and sensitive studies into the planning of health spaces.

In a cultural context approach, **Lígia Magalhães** investigates the importance of soccer in enhancing identities and affections in the landscape of Bangu, a neighborhood in the West Zone of Rio de Janeiro. To this end, the author recovers the history of the creation of the neighborhood's soccer team, through interviews and ethnographic drifts, highlighting the Ambiances generated by soccer and their consequent expressions of belonging, memory, and resistance. It is concluded that, more than a sports field, football in Bangu implies a sensory mode that reinforces an ambience built and marked by cultural identities that remain alive for generations.

Marc Boumeester, in a counter-scenario, discusses the contemporary digital image as a transformer of social life, proposing three ontological modalities: image by proxy, image by context and recursive image. Beyond representation, the author presents the role of images as shapers of mental structures and modulations, which can create gestures of adherence. Furthermore, patterns of repetition, the production of desires, algorithmic cycles, and the effects of these dynamics on urban life are discussed through collective sharing.

Bringing a broader approach to the notion of urban sound, **Frank Pecquet** proposes understanding the landscape through sound ecology, with an emphasis on attentive

listening. He proposes the adoption of an integrated method that combines acoustic measurements, psychoacoustic indicators and biomarker assessment for the qualification of Ambiances. As final considerations, the author elucidates propositions based on equitable sound design, to be considered as a basis for more engaging urban policies.

Yi Guo 郭懿, subsequently, presents an investigation into the borders of the Huangpu River in Shanghai, through what she calls "aspirational ambiances." Based on field observation and spatial mapping, against the backdrop of real estate speculation associated with the fabrication of subjectivities, the author highlights the interests of a neoliberal-authoritarian urbanism and the urgency in developing critical actions capable of exposing the invisibility and silences produced by the ongoing policies.

Analyzing the Ambiances established in sparsely populated territories, **Camilla Sette** proposes a methodology based on the relationship between Atmospheres and temporalities. To this end, the author investigates villages in the Gran Sasso National Park, in Italy, combining quantitative and qualitative research with the measurement of relationships that are not fixed in a defined time, but create atmospheres in a "suspended time". Thus, by making these relationships perceptible and analyzable, the study becomes a possible tool for restoring the temporal dimension of spaces, overcoming their material forms and putting into perspective the vitality of places, the complexity of their relationships and, above all, the regeneration of affections.

In **Lia Maestrelli's** work, the anchor of this edition, Jean-Paul Thibaud, is used as a basis for approaching the works of the Cuban artist Ana Mendieta. The author discusses art, architecture and urbanism, deepening the theme of ecology and climate crisis from the perspective of Ambiances. The result is a provocative reading that relates environmental aesthetics, sensitivity and human experience/existence.

In the article entitled "Perception, Place and Re-existence", the visual artist **Lais França** and architect and urban planner **Rachel Fernandes** explore the relationship between body, space and temporality applied to the concept of Urban Ambiances, continuing research carried out in 2023 in Portugal. The text focuses on the Campanhã neighborhood in the city of Porto and develops, through a qualitative review of artistic activations, urban routes and public spaces that motivate and foster living and mutable Ambiances.

The relationship between bodies and environments is also addressed in the research of **Adriana Borba** and **Nathalia Gnutzmann**, highlighting the convergence between architecture and care for living systems. The authors propose a reflection on collective perception and the experience of immersion in sensitive, historical and ecological spaces, using the interpretative-hermeneutic method, which adds to the work the technical security of a consolidated method for a subjective and scientific analysis of Ambiances.

Evangelia Paxinou, **Nicolas Remy**, and **Petros Flampouris** propose the study of Ambiances as a process for developing projects that consider phenomenological aspects of listening, resonance, and sound production. The research is developed through experimentation, with spatial explorations based on local sounds and corporealities. An association between improvisations, recordings, and sound walks, guided by the co-creation of the landscape, is used beyond a static definition and emphasizes the role of Ambiances as mediator.

Focusing on the value of the landscape, **Angélica Azevedo e Silva, Liza de Andrade, Caio Monteiro Damasceno, and Solange Clemente** demonstrate how the principles stemming from the Kalunga way of life can be incorporated into architecture and territorial planning. To this end, the authors first conduct a broad theoretical survey on themes related to sustainability and territorialities focused on Kalunga ambiances, in Goiás. Using an action-research methodology, the authors report on the achievements of the Peripheral Laboratory with Kalunga communities, highlighting the importance of preserving quilombola knowledge, the specificities of the spatial organization of these peoples, community participation in projects, and, above all, the manifestation of architecture as a tool for resistance and revision of Ambiances.

Closing this edition, historian **Elena Giulia Abbiatici's** text focuses on the interdisciplinarity between chemical, biological, and sociological analysis, regarding human and non-human relationships with the terrestrial environment. The author addresses the issue of "atmospheric terrorism", which is the contamination of the air caused by bacteria and chemicals released daily into the air that humanity breathes. Despite its analytical focus on changes in the air (i.e., atmospheric relationships), this work introduces new ways of interpreting the olfactory system as a target of the climate crisis widely discussed in the international scientific context, and how these perceptual changes influence ways of living and experiencing the world.

In this heterogeneous set of approaches strongly grounded in the encompassing and collectivist concept of Ambiances, we hope that all the texts presented will be a source of consultation and reflection for various types of research, especially for those that question possible futures in our field of work.

Ethel Pinheiro Santana and Aline Calazans Marques

Editors in chief - Editorial Committee

Barbara Thomaz and Priscilla Alves Peixoto

Executive Coordination

Diego Dias, Augusto Ruschel, Pedro Saldanha, João Pedro de Melo Souza and Davi Batista Chagas

Executive Board